



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DE LETRAS**

**FELIPE ALVES DOS REIS**

**LÍNGUA PORTUGUESA NA UNIDADE ESCOLAR**  
**MIGUEL LIDIANO: O QUE E COMO É ENSINADA?**

**PICOS**  
**2019**

**FELIPE ALVES DOS REIS**

**LÍNGUA PORTUGUESA NA UNIDADE ESCOLAR  
MIGUEL LIDIANO: O QUE E COMO É ENSINADA?**

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientador: **Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros**

PICOS

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cicero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 18 horas do dia 25/06 do ano de dois mil e dezenove, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – Pi, sob a presidência do **Prof. Prof. Luiz Egito de Souza Barros**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno **Felipe Alves dos Reis**, do curso de Letras desta Universidade com o título, **Língua Portuguesa na Unidade Escolar Miguel Lidiano: o que e como é ensinada**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Prof. Luiz Egito de Souza Barros** (orientador –presidente), **Prof. Me Juscelino Francisco do Nascimento** (1º examinador) e **Profª. Me. Margareth Valdivino da Luz Carvalho** (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo **Presidente da banca, finalizando em 18h 50 min**. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: 7,5 ; 7,5 e 7,5. Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 7,5. E para constar, eu, **Luiz Egito de Souza Barros**, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 25 de junho de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

  
Presidente

  
1º Avaliador

  
2º Avaliador

## LÍNGUA PORTUGUESA NA UNIDADE ESCOLAR MIGUEL LIDIANO: O QUE E COMO É ENSINADA?

Felipe Alves dos REIS<sup>1</sup>  
Luiz Egito de Souza BARROS<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo geral desse estudo é analisar como acontece o ensino de língua portuguesa na Unidade Escolar Miguel Lidiانو, com ênfase no ensino de oralidade, leitura, escrita e gramática. Assim, este trabalho surge do seguinte questionamento: o que é ensinado de língua portuguesa na Unidade Escolar Miguel Lidiانو? Quais alternativas são possíveis para melhorar o ensino da disciplina na referida escola? É visível nas escolas brasileiras a dificuldade enfrentada no ensino de língua portuguesa, principalmente pelo apego às regras gramaticais e à visão deturpada que muitos alunos e professores têm sobre o ensino de língua portuguesa. Apresentamos, neste trabalho, uma análise em torno das práticas de ensino efetivadas pelos professores, bem como da participação dos alunos neste processo. Baseados em teóricos como, por exemplo, Travaglia (2009), Cagliari (2003), entre outros autores, estabelecemos relações entre a prática e a teoria, visando proporcionar uma reflexão em torno do que é ensinado e de como é ensinado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. Língua Portuguesa. Comunicação. Competências.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o ensino de língua portuguesa efetivado na Unidade Escolar Miguel Lidiانو, em Picos-PI, e busca verificar se o ensino da disciplina, através das práticas de ensino, tem se voltado para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos e compreender como esse processo acontece.

A problemática em torno do ensino de português está em ter um modelo tradicional de ensino considerado insatisfatório, pois leva a maioria dos alunos a decorar regras de gramática sem refletir sobre a linguagem e suas funções, além de não suscitar um pensamento crítico (CAGLIARI, 2003). Por conta disso, até hoje, muitos professores se perguntam como ensinar língua portuguesa e qual é a melhor

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e Professor Assistente I da Universidade Federal do Piauí – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros.

metodologia a ser usada para evitar ensinar unicamente a gramática normativa da língua portuguesa (CAGLIARI, 2003).

Vemos, também, que em nosso país muitos dos alunos egressos do ensino fundamental e médio têm muita dificuldade de compreender o objeto de ensino da disciplina de língua portuguesa, tendo em vista a variedade de objetos de estudos, além da existência de variadas metodologias pelas quais a disciplina é ensinada. Isso tem provocado, na maioria dos alunos, dificuldades de escrita e de leitura.

Diante do exposto, surge o seguinte questionamento: O que é ensinado de Língua Portuguesa na Unidade Escolar Miguel Lidiano? Quais alternativas são possíveis para melhorar o ensino de língua portuguesa na referida escola?

É importante destacar que buscamos, por meio deste trabalho, realizar uma reflexão sobre o que é ensinado nas aulas de português (gramática, leitura, oralidade e produção de texto) e também verificar quais metodologias são aplicadas pelos professores da disciplina. Neste trabalho, buscamos, ainda, especificamente: analisar se o ensino de língua portuguesa proporciona o desenvolvimento da competência oral dos alunos na referida escola; examinar como acontecem as atividades com leitura e qual o nível da capacidade de compreensão da leitura nos alunos; analisar a prática de ensino e aprendizagem de produção de textos escritos, procurando descrever as habilidades de escrita dos alunos; por fim, propor alternativas que auxiliem tanto no processo de ensino por parte dos professores, como na aprendizagem dos alunos.

O ensino de língua portuguesa através dos seus mais diversos conteúdos, como leitura, compreensão, produção de texto e também a gramática, deve colaborar no sentido de aprimorar cada vez mais a competência comunicativa dos falantes. No momento em que vivemos, em relação ao ensino de língua portuguesa, é necessário que o professor se pergunte como se ensina português e o que ensinar, e, a partir disso, refletir sobre o que é necessário mudar ou simplesmente aprimorar em sua prática de ensino (TRAVAGLIA, 2009).

A metodologia utilizada neste trabalho foi de teor qualitativo que, de acordo com Rampazzo (2012, p. 58) “[...] busca uma compreensão particular daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados”. Essa pesquisa se torna de fundamental importância para um maior aprofundamento nessa delicada questão que envolve a metodologia do ensino da

língua portuguesa nas escolas. Segundo Gil (2007, p. 17), uma pesquisa pode ser definida como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Diante de tal posicionamento, pretende-se realizar uma pesquisa bibliográfica a partir de material já publicado em livros, trabalhos acadêmicos, artigos, dissertações, teses e outros materiais que tratam sobre o assunto. Segundo Carvalho, *et. al* (2004, p. 99)

A pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação, quer dizer, após a escolha de um assunto é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado. Essa pesquisa auxilia na escolha de um método mais apropriado, assim como num conhecimento das variáveis e na autenticidade da pesquisa.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica se torna imprescindível para a construção de uma pesquisa referente ao assunto tratado. A referida pesquisa tem como referência o ensino de língua portuguesa na Unidade Escolar Miguel Lidiano, pertencente à rede estadual de ensino, que está localizada na zona leste da cidade de Picos-PI. Os sujeitos envolvidos na pesquisa são 2 alunos por turma (5 turmas ao todo) e todos os professores da disciplina de português das séries do ensino médio do turno manhã (3 professores ao todo). Na coleta de dados, aplicamos, em sala de aula, questionários com perguntas subjetivas.

Depois de colhidos os dados, fizemos a análise dos questionários dos alunos, dividindo as respostas em grupos. Em seguida, da mesma forma, também foram analisadas as respostas dos professores, com o intuito de detectar, por meio do cruzamento de dados, o modelo de ensino da língua portuguesa presente na escola, como também a funcionalidade de tal sistema de ensino. Para tal, este trabalho utilizou um arcabouço teórico, do qual destacamos: Travaglia (2009), Cagliari (2003), entre outros autores. Assim, foram feitas algumas inferências como conclusão da pesquisa.

## 2 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de língua portuguesa compreende diversas competências das quais podemos destacar: leitura, escrita e oralidade. Todas elas são importantes no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Dentro desse contexto, deve-se entender que o ensino de LP busca o fortalecimento, ou melhor, a potencialização dessas competências consideradas essenciais ao seu ensino. Cagliari (2003, p. 28) destaca:

O objetivo mais geral do ensino de português para todas as séries da escola é mostrar como funciona a linguagem humana e, de modo particular, o português; quais os usos que tem, e como os alunos devem fazer para estenderem ao máximo, ou abrangendo metas específicas, esses usos nas suas modalidades escrita e oral, em diferentes situações da vida.

Dessa forma, é de suma importância que no ensino de português se evidencie o que é a linguagem e quais os seus usos. Além disso, como afirmado por Cagliari (2003), é necessário estimular no aluno o desejo de estender cada vez mais o seu domínio nas mais diversas modalidades, dando atenção tanto à escrita quanto à oralidade. Nesse contexto, o ensino das competências deve ser implementado por meio de práticas de ensino que as favoreçam. Sobre o ensino de língua portuguesa, pontua, Prado (2019, p. 29):

O ensino-aprendizagem de língua portuguesa é considerado uma prática pedagógica pautada na articulação entre aluno-conhecimento-professor. O aluno é visto como protagonista de seu conhecimento. Ele precisa agir com e sobre o objeto de conhecimento. O conhecimento é o resultado das práticas de linguagem, que envolvem os elementos discursivos, textuais e linguísticos. O professor é o sujeito mediador da relação aluno-conhecimento.

A partir disso, entende-se que o professor deve criar condições que propiciem ao aluno refletir em torno daquilo que é ensinado, com a intenção de fazê-lo sentir prazer em desenvolver atividades em sala de aula. Em relação ao professor, tem-se relatado a necessidade de cada vez mais conscientizar a população de que ele é o mediador de todo o conhecimento a ser compartilhado.

Dentro do ensino de língua portuguesa, é importante perceber que existem variadas formas de ensino de língua. Podemos destacar, de acordo com Travaglia

(2009), o ensino prescritivo, que se apresenta como aquele que busca incentivar o aluno a rever os seus padrões de atividade linguística, priorizando uma correção formal da própria linguagem; a segunda forma de ensino, chamada de ensino descritivo, tem como meta evidenciar como a linguagem funciona e como determinada língua funciona; a última forma de ensino, intitulada de ensino produtivo, tem como principal objetivo ensinar novas habilidades linguísticas, buscando ajudar o aluno a expandir o domínio de sua língua materna. Segundo o autor, o ensino descritivo e o produtivo são considerados bastante úteis no processo de ensino de língua. Todavia, na realidade das nossas escolas, os professores valem-se mais do método de ensino prescritivo.

No ensino de língua portuguesa, por existir diversas formas de ensino, existem também inúmeras concepções sobre linguagem, sendo que, naturalmente, cada professor assume uma concepção de linguagem em sua prática pedagógica, e é a partir de suas concepções que o educador pode influenciar os seus alunos, fazendo com que eles construam uma visão sobre a língua (PRADO 2019). Segundo Soares (1998 *apud* MARIZ, 2009, p.14), “as ações de ensino realizadas apoiam-se em concepções de linguagem e de língua consideradas como as ideais e que a mudança de tais concepções provoca alterações naquilo que até então seria considerado adequado para o ensino”.

De fato, compreende-se que é necessário que no ensino de LP o professor amplie o seu conceito em torno da concepção de língua e linguagem, pois favorece positivamente nas alterações que podem sofrer o processo de ensino. Mariz (2009) ainda destaca que o conhecimento dessas concepções por parte dos educadores faz com que haja uma interferência produtiva, podendo mudar e ao mesmo tempo melhorar todas as práticas desenvolvidas em sala de aula.

A língua portuguesa, em sua prática de ensino e aprendizagem, traz consigo diversos questionamentos pertinentes, como, por exemplo, se no ensino de LP existe o certo e errado, tendo em vista as mais diversas expressões em que a língua, escrita e oral, podem se apresentar, mas Cagliari (2003, p. 35) esclarece que a “língua portuguesa, como qualquer língua, tem o certo e o errado somente em relação a sua estrutura. Com relação a seu uso pelas comunidades falantes, não existe o certo e o errado linguisticamente, mas o diferente”.

Entende-se que há, ainda, muito a ser esclarecido em nossas salas de aula acerca do ensino de língua portuguesa, tanto no modo como o professor vê o ensino

de LP, como na visão do aluno que é o sujeito da construção de todo esse conhecimento sobre a LP. Cagliari (2003) faz questão de ressaltar que o português não deve ser considerado propriedade de apenas um indivíduo ou grupo, mas algo coletivo, pois é de fato um fenômeno social, estando presente em todos os níveis sociais. Vale destacar que o português é um fenômeno dinâmico que se movimenta de acordo com o tempo, ou seja, evolui.

Conforme Prado (2003), o ensino de língua portuguesa, através de suas aulas, ainda não é visto como um espaço em que se deve gerar uma reflexão em torno da linguagem humana a partir da sua realidade social, sendo que o ensino de língua deve estar sempre ligado à prática social. Nesse contexto, encontra-se a variedade linguística, considerada por muitos como desprestigiada em relação à norma culta. Observa-se que a variedade linguística ainda é vista como uma questão que envolve a gramática na perspectiva do certo e errado, daí surge a necessidade de que o professor de língua portuguesa entenda essa realidade para evitar cometer grandes injustiças (CAGLIARI, 2009). Ainda de acordo com o autor,

No ensino de português, não há pedagogia, psicologia, metodologia, fonoaudiologia etc, que substituam o conhecimento linguístico que o professor deve ter. Sem uma base linguística verdadeira, as pessoas envolvidas em questões de ensino de português acabam ou acatando velhas e erradas tradições de ensino ou se apoiando explícita ou implicitamente em concepções inadequadas de linguagem. (*Ibidem*, p. 34)

A partir disso, compreende-se que a língua portuguesa traz consigo características próprias e técnicas comuns ao seu ensino, e em relação ao professor percebe-se que o conhecimento linguístico muitas vezes não é interpretado ou melhor visto como deveria ser (CAGLIARI, 2009).

## **2.1 O ENSINO DE LEITURA**

Ensinar a ler é uma tarefa extremamente importante. Nesse processo, muitas são as atividades existentes que podem estimular e aprimorar essa competência no ensino da LP, sendo de total responsabilidade do professor que todos os esforços sejam dados para que se possa, de forma correta, levar este conhecimento aos seus educandos (SOUZA, 2014). Acerca disso, destaca-se que,

Para desempenhar com êxito o seu papel de formar cidadãos, a escola deve proporcionar aos estudantes o maior contato possível com textos em suas diversas formas e usos. O trabalho do professor é fundamental, nesse sentido, para viabilizar o desenvolvimento de capacidades de leitura e escrita que habilitam o sujeito como cidadão aluno. Considerando isso, o foco deste trabalho é o ensino-aprendizagem de leitura, pois comumente, observa-se a dificuldade dos estudantes em ler e compreender. Como a leitura é fundamental ao desenvolvimento desse sujeito, quando ele for pouco proficiente, terá dificuldade ao amplo acesso ao conhecimento, às informações, à aprendizagem. (*Ibidem*, p. 18)

Conforme a autora, considerando a realidade existente do ensino de leitura no Brasil, vemos que faz-se necessário um melhoramento no processo de ensino-aprendizagem da leitura, pois percebe-se um baixo desempenho na leitura por parte dos alunos. Os alunos das escolas brasileiras enfrentam, na rotina das suas salas de aulas, grandes dificuldades no campo da leitura e da compreensão leitura em virtude da falta de estratégias de ensino que colaborem neste processo de aquisição de conhecimentos da competência leitora. Vale destacar que o ensino de leitura reflete diretamente na qualidade de vida das pessoas, pois influencia no que chamamos de competência comunicativa dos falantes. Para Souza, (2005, p. 24),

O termo leitura, quando visto na concepção escolar, muitas vezes, fica restrito ao processo de decodificação de sinais gráficos. No entanto, o processo de leitura é muito mais que isso, pois exige a realização de complexas operações mentais, como produzir inferências de diversos tipos, relacionar informações de diferentes partes do texto, perceber intenções comunicativas, efeitos de sentido provocados por escolhas lexicais, morfosintáticas e estilísticas do autor, relacionar estímulos verbais e não verbais, entre muitas outras. Ler, então, requer do sujeito uma série de habilidades que são adquiridas e desenvolvidas ao longo de toda a vida.

Deste modo, constata-se que a leitura é um processo muito importante que associa os conhecimentos do aluno ao que se busca repassar através do texto. Na leitura de textos, o leitor tem como objetivo mostrar marcas entre outras características presentes no texto, e para isso é preciso usar variadas estratégias para alcançar o objetivo que é aguardado pelo autor do texto (SCOTT, 1985, *apud* SOUZA, 2005, p. 25) Em se tratando da leitura, conforme Souza (2005, p. 27-28), ela é vista como:

[...] Um processo em que há interação – de autor e leitor, via texto – em que o sentido vai sendo construído. O autor produz um texto projetando seu leitor virtual, depositando suas expectativas acerca de quais informações ele deverá trazer e que tipo de colaboração deverá dar. Por seu lado, o leitor processará a leitura com objetivos definidos e apresentará sua contribuição em termos de conhecimentos prévios necessários, além, é claro, de estar situado num contexto que determinará, em parte, esta produção de sentido. O texto, neste caso, será a via mediadora de interação entre leitor e autor. Nesta visão, tanto leitor, autor e texto têm importância equilibrada. Cada uma dessas instâncias desempenha seu papel: o autor como produtor de textos, o leitor como construtor de sentidos para o(s) texto(s) e o texto como mediador da comunicação, da interação das instâncias anteriores.

Dessa forma, a leitura leva os seus protagonistas a participarem deste processo interacional de trocas conhecimentos, reflexões, questionamentos e produção de sentido. A partir disso, compreende-se que a “leitura é um processo complexo, em que o leitor procura construir um ou mais sentidos, fazendo para isso uso de seus conhecimentos linguísticos e de mundo, utilizando também as marcas textuais deixadas pelo autor” (*Ibidem*, p. 27). Já segundo Casteluber (2012, p. 18), a “leitura é aqui entendida como o processo de construção de sentido, que vai além da decodificação de grafemas e de fonemas, e que permite aos sujeitos sua participação mais ativa numa sociedade letrada”.

É preciso que nossa sociedade entenda o poder da leitura e que ela seja motivada a usá-la de forma mais competente. Para isso acontecer, é necessário que o professor tenha em sala de aula materiais didáticos que priorizem concepções adequadas de linguagem, leitura e aprendizagem, e que seja considerado todo o conhecimento adquirido pelo aluno fora do ambiente escolar, sendo este conhecimento associado à aprendizagem escolar (*Ibidem*, p. 18).

Outro ponto importante a ser destacado é o da necessidade de preparar os alunos, dos mais diversos níveis de ensino, para serem capazes de lidar com os mais variados tipos de gêneros textuais, visto que até no ensino superior os discentes enfrentam dificuldades no que diz respeito à leitura e compreensão de textos de variados gêneros (*Ibidem*, p. 21). De acordo com Resende (2012, p. 17 *apud* CRUZ, 2015, p. 24):

Observações recorrentes no âmbito escolar e avaliações sistêmicas como a Prova Brasil, realizadas pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), têm demonstrado que

os alunos da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) apresentam dificuldade em compreender os textos que eles leem. O que revela a ineficiência do ensino quanto ao desenvolvimento das capacidades de leitura.

De fato, essa realidade vem sendo percebida pelos professores de língua portuguesa, bem como pelos professores de outras disciplinas, sendo um problema que deve ser revertido, pois tem encaminhado muitos alunos para o fracasso escolar (CRUZ, 2015). É necessário também que a sociedade crie e proporcione ao alunos das escolas brasileiras um ambiente onde exista a possibilidade de desenvolver a habilidade da leitura (FOUCAMBERT, 1997 *apud* CRUZ, 2015). Vale destacar que não se lê apenas por prazer, principalmente quando se refere a leitura escolar, tendo como objetivo a obtenção de conhecimento e informações. Dessa forma, é preciso que todos os professores de todas as disciplinas se engajem em busca do fortalecimento da competência leitora dos seus alunos.

## **2.2 O ENSINO DE ESCRITA**

O ensino da língua escrita ainda se constitui, segundo Martins (2017, p. 29), um grande desafio para a instituição escolar, pois “embora muitos professores tenham a noção de que atualmente não seja possível continuar a ensinar a língua ancorados nos preceitos de uma gramática prescritiva, essa prática ainda é difícil de ser efetivada”. Diante dessa realidade, o ensino da escrita surge pautado na necessidade de comunicação do ser humano, e assim é reflexo da língua enquanto sistema oral. Nisto, ainda de acordo com Martins (2017), a escola vê-se envolvida em um importante dilema no que concerne a língua escrita, tendo em vista que, teoricamente, as novas metodologias de ensino anunciam a importância de que no ato da aprendizagem haja um foco na gramática descritiva interna de cada indivíduo. No entanto, salienta-se o fato de que, na prática, o foco de ensino da língua escrita ainda continua sendo puramente normativo, fazendo com que o aluno, em seu processo de aquisição da língua, aprenda a gramática normativa, considerada a oficial.

É importante salientar que, segundo Dolz e Schneuly (2004, p. 76), a metodologia do ensino da escrita no Brasil ainda é focada no modelo estruturalista da língua, aquele em que há um foco excessivo em suas estruturas mais do que propriamente em suas funções. Neste sentido, Magda Soares (2002) defende que o

desenvolvimento da capacidade linguística de uma pessoa depende, necessariamente, da experiência do aluno com a língua em situações reais de uso. Mais do que palavras aleatórias, o aprendiz precisa que tais palavras sejam significativas à sua realidade. Antunes (2003) se aprofunda mais nesta questão, tratando de problemas específicos provocados pelo uso de métodos inadequados ao processo de aprendizagem, e assim, afirma que

Não dá para tolerar uma escola que, por vezes, nem sequer alfabetiza ou que, alfabetizando não forma leitores nem pessoas capazes de expressar-se por escrito, coerente e relevantemente, para, assumindo a palavra, serem autores de uma nova ordem das coisas. É, pois, um ato de cidadania, de civilidade da maior pertinência, que aceitemos, ativamente e com determinação, o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino da língua (p. 36-37).

Diante de tal posicionamento, para que haja resultados satisfatórios nesse processo desenvolvido em sala de aula, faz-se necessário que educadores priorizem o ensino da escrita pautado no uso cotidiano do sistema linguístico, deixando de lado o foco meramente estrutural do vocábulo. Para tal, o trabalho em sala de aula deve estar organizado de modo a valer-se da realidade cotidiana do aluno, aplicando-a nas atividades que englobam o ensino da escrita, como por exemplo, nas atividades de leitura, atividades orais e escritas que envolvem a gramática da língua, com a finalidade de estabelecer uma ampla reflexão sobre os múltiplos contextos de uso da língua.

Para um melhor desempenho do aluno, é importante que aquilo que se ensina em sala de aula faça um real sentido em um contexto extraescolar, fazendo com que o conteúdo abordado esteja o mais próximo possível do cotidiano. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 81), isso diz respeito a

Colocar os alunos em situações de comunicação que sejam os mais próximas possíveis de verdadeiras situações de comunicação, que tenham um sentido para eles, a fim de melhor dominá-las como realmente são, ao mesmo tempo sabendo, que os objetivos visados são outros.

Diante disso, no processo de ensino da escrita (como também de outras áreas), a metodologia do professor é vista como uma peça importante no desfecho do aprendizado no aluno, sendo dever dele propor atividades diversificadas que explorem todo o potencial dos alunos, como, por exemplo, os gêneros textuais,

tendo em vista a sua diversidade e abrangência na vida do aluno. Mas, o fato é que o profissional deve munir-se de todos os meios/métodos possíveis para que haja uma plena desenvoltura do aluno e assim se alcançar a finalidade do ensino. E nesse viés, ainda segundo Dolz e Schneuwly (2004), para o aluno que passa pelo processo de aquisição da língua escrita, a língua passa a ser vista muito mais do que uma transcrição de sons, sendo considerada um simbolismo fortemente ligado à sua realidade, passando a ser objeto de reflexão, um espaço para a instituição do diálogo.

### **2.3 O ENSINO DE ORALIDADE**

Tratar a oralidade como um dos como um dos objetos de estudo de língua portuguesa é algo essencial para que haja uma plena efetivação da aprendizagem da matéria por parte do aluno. Nesta perspectiva, o ensino da oralidade em sala de aula, não raras vezes, encontra-se centrada somente na realização de leituras, sejam individuais ou de modo coletivo, bem como um ou outro exercício que faça uso da oralidade, realizado sem planejamento pelo professor. Essa é a realidade descrita por Antunes (2003, p. 24) que argumenta que:

No que se refere às atividades em torno da oralidade, ainda se pode constatar: uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da língua estão tão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matéria de sala de aula.

Conforme a autora, a sala de aula ainda se omite quando faz referência à oralidade, menosprezando-a por esta fazer parte do cotidiano dos alunos, tomando a percepção de que a oralidade, por servir de principal viés comunicativo da língua informal praticada no dia a dia, não deve ser objeto de ensino da escola, que é vista como reprodutora de uma linguagem mais formal. Esse é apenas um dos principais problemas apontado por Antunes em seu livro “Aula de português - encontro e interação”. No entanto, a autora também cita outros dilemas que são presentes no ambiente de ensino da língua portuguesa, havendo de fato um verdadeiro desprezo de tal modalidade em troca da escrita. Nesse aspecto, há:

Uma generalizada falta de oportunidades de se explicitar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do

atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do "falar em público" (*Ibidem*, p. 25)

Diante disso, a escola peca em não mencionar as grandes necessidades que a sociedade exige referente ao uso da língua oral, sem de fato realizar uma ampla reflexão de como acontece o ato de conversação. As vezes em que a modalidade é abordada no ambiente escolar, são em contextos em que há o predomínio da informalidade, deixando, por vezes, de aprofundar-se em metodologias, gêneros textuais, que abordem as múltiplas faces da língua e reflitam sobre a preponderante questão da adequação e inadequação da fala. Assim, o estudante terá noção da complexidade que envolve a oralidade, cujo domínio é extremamente imprescindível na sociedade atual, uma vez que não basta dominar a gramática ou outra área qualquer se, de fato, não houver um bom domínio da oralidade para explicitar essa gramática.

Para Antunes (2003), o foco demasiado na gramática provoca “uma equivocada visão da fala, como o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática. De acordo com essa visão, tudo o que é ‘erro’ na língua acontece na fala e tudo é permitido, pois ela está acima das prescrições gramaticais” (p. 23-24). E assim, de acordo com essa visão, por suas regras serem de difícil controle, em comparação com a língua escrita, a língua oral é conhecida como local em que todas as manifestações comunicativas são permitidas, e assim, rematou-se ao longo dos anos um investimento maior em gêneros escritos do que gêneros orais, erroneamente, esquecendo-se do fato de que, em situações sociais, tem-se que necessariamente haver o uso da linguagem oral em estilo formal para a concretização do estilo escrito formal através da fala. Diante de tais questões, é perceptível que faz-se necessário desde cedo, no ambiente escolar, haver uma correlação entre o que é ensinado na modalidade escrita e na modalidade oral, visto que uma dissociação desses dois objetos rematam em prejuízo para o aluno que, por vezes, vê-se limitado no processo de aprendizagem devido as aulas de língua portuguesa terem o foco somente na escrita, deixando de lado a oralidade.

## **2.4 O ENSINO DE GRAMÁTICA**

Para adentrarmos nas questões inerentes à gramática, faz-se necessário perceber a pluralidade na qual está contido o seu ensino. Além disso, é preciso

entender as mais inúmeras concepções que lhes são inerentes. Muitas são as formas pelas quais a gramática é concebida. Travaglia (2009) aponta três formas de compreendê-la: no primeiro conceito, concebe-se gramática como um manual de regras que são seguidas pelas pessoas que têm o objetivo de se expressar de maneira adequada, sendo chamada de gramática normativa; o segundo conceito refere-se à gramática descritiva, que orienta a gramática. É, na verdade, um sistema de noções que possibilita o detalhamento dos fatos de uma língua a partir de uma descrição estrutural e funcional da língua. A terceira concepção trata a respeito de uma gramática internalizada, que considera a língua como uma junção de variedades usadas pela sociedade considerando o contexto interacional. Dessa forma, entende-se a gramática como um conjunto de regras que os usuários da língua aprenderam e utilizam.

No trabalho com o ensino de gramática, convém que o professor não fique preso à gramática normativa, mas explore outros tipos de gramática, em especial, a descritiva, que mostra como a língua é, e a reflexiva, que leva o aprendiz a pensar sobre a língua (TRAVAGLIA, *Ibidem*).

O objetivo primordial do ensino de gramática é desenvolver a competência comunicativa dos falantes, favorecendo uma comunicação eficiente entre os seres humanos, colaborando, assim, diretamente para que haja um entendimento entre si (TRAVAGLIA, 2009). Vale destacar que o ensino de gramática em nossas escolas tem sido prescritivo, valendo-se mais de regras que buscam destacar o “certo” do que é “errado”. Muitas dessas regras gramaticais são trabalhadas sempre nas salas de aula no Brasil, sendo consideradas corretas. Travaglia (*Ibidem*) ainda destaca que é perceptível a ausência de trabalhos de produção e compreensão de textos que segundo, segundo sua concepção, prejudica o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Marcuschi (2008, p. 57 *apud* MARIZ, 2009, p. 45-46) pontua:

[...] A gramática tem uma função sociocognitiva relevante, desde que entendida como uma ferramenta que permite uma melhor atuação comunicativa. O problema é fazer de uma metalinguagem técnica e de uma análise formal o centro do trabalho com a língua. Também não se deve reduzir a língua à ortografia e às regras gramaticais. E nesse sentido, temos a ver com uma correta identificação do que seja gramática. O falante deve saber flexionar os verbos e usar os tempos

e os modos verbais para obter os efeitos desejados; deve saber usar os artigos e os pronomes para não confundir seu ouvinte; deve seguir a concordância verbo-nominal naquilo que for necessário à boa comunicação e assim por diante.

Diante dessa colocação, compreende-se que é necessário trabalhar a gramática de forma reflexiva, levando em conta o conhecimento já adquirido pelos alunos a partir de sua realidade social. O autor ainda frisa que a gramática da LP em hipótese alguma pode ser resumida a regras ou ortografia, e que é necessário compreender o que de fato é a gramática e usá-la para que haja uma boa comunicação (MARIZ, 2009).

É importante destacar que o ensino de gramática deve estar associado ao ensino de produção textual, pois como destaca Travaglia (2009, p. 45), “tudo o que é gramatical é textual e, vice-versa, que tudo que é textual é gramatical”. Travaglia, ao levantar essa questão, mostra que a gramática com todos os seus recursos, são associados e transformam-se em texto.

### **3 ANÁLISE DOS DADOS**

Este capítulo traz informações acerca da pesquisa que foi realizada sobre o ensino de língua portuguesa, dando ênfase as suas mais diversas competências, como por exemplo: o ensino de oralidade, escrita, leitura e gramática. A análise dos questionários foi gradual, abordando, inicialmente, as respostas dos alunos. Em seguida, foram analisadas as respostas dos professores.

#### **3.1 QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS**

As respostas dos questionários foram agrupadas entre aquelas que se assemelham e apresentam uma mesma visão sobre ensino de oralidade, ensino de escrita e ensino de leitura. Em relação à primeira pergunta do questionário, que pede para os alunos argumentarem sobre o que é oralidade, existem três grupos que trazem opinião diferentes. Vale destacar que o 1º grupo de alunos acredita que oralidade é a prática da comunicação oral. Para alguns, dentro desse contexto a gramática normativa deve ser considerada. Já no 2º grupo de alunos, a oralidade é vista apenas como o ato fisiológico em que se produz a fala. No 3º grupo, percebe-se uma maior aproximação da teoria, tratando a oralidade como um processo de

interação e de diversidade linguística e discursiva. Segundo Antunes (2003), a oralidade é de fato a prática cotidiana de comunicação que favorece uma melhor interação entre os sujeitos falantes, onde se pode usar tanto a linguagem formal como a informal de acordo com o seu contexto de uso.

Na segunda pergunta do questionário do aluno, buscou-se apresentar a visão dos alunos sobre o que é fazer a leitura de um texto. As respostas dos alunos trouxeram duas visões diferentes. O 1º grupo são os que veem a leitura de um texto como uma ação de compreensão, ou seja, da busca de informações objetivando fixar aquilo que o texto pretende repassar para os seus leitores. O 2º grupo nos mostra que fazer a leitura de um texto é construir sentido e compreender aquilo que foi projetado pelo autor. Souza (2005, p. 27) confirma isso ao dizer que:

A leitura é vista como um processo em que há interação – de autor e leitor, via texto – em que o sentido vai sendo construído. O autor produz um texto projetando seu leitor virtual, depositando suas expectativas acerca de quais informações ele deverá trazer e que tipo de colaboração deverá dar.

De fato, deve-se perceber a leitura como um processo interacional, onde autor e leitor, conjuntamente, vão construído sentido dentro do texto. Portanto, o 2º grupo de respostas é o que mais se aproxima do que a teoria propõe.

A terceira pergunta do questionário pede que os alunos explicitem a respeito das experiências de leituras no ambiente escolar e em casa. Entre os que disseram a respeito da sua prática de leitura na escola, há o 1º grupo, dos alunos que não leem de jeito nenhum; o 2º grupo, dos que pouco leem e não especificaram que tipo de leitura fazem no ambiente escolar; o 3º, dos que leem apenas o livro didático quando o professor solicita.

No que diz respeito às experiências de leitura em casa, também existem três respostas divergentes. O 1º grupo destaca que não faz leituras; há o 2º grupo, dos que leem, mas não souberam especificar o tipo de leitura que fazem; o 3º grupo, dos que leem bastante, mas que na maioria das vezes se voltam apenas para o livro didático. Nessa resposta do questionário, podemos constatar uma realidade presente na vida da maioria dos estudantes brasileiros, onde a falta de estímulo à leitura tem sido muito grande, gerando dificuldades no processo de aprendizagem. Segundo Cruz (2015), essa realidade vem sendo percebida pelos professores de língua portuguesa, bem como dos professores de outras disciplinas, sendo um

problema que deve ser revertido, pois tem encaminhado muitos alunos para o fracasso escolar.

Vemos, então, que é preciso reverter essa situação, buscando práticas que estimulem a leitura e tornem os alunos sujeitos ativos nesse processo, expandindo a sua experiência de leitura de variados gêneros.

A quarta pergunta do questionário visa a discutir sobre a prática da escrita, se os alunos escrevem da mesma forma que fazem uso da fala. As respostas foram divididas em quatro grupos: o 1º grupo entende que existe uma grande diferença entre a fala e a escrita; o 2º grupo percebe a diferença, mas revela a influência da gramática; o 3º grupo não percebe a diferença que existe entre fala e escrita; já o 4º grupo se mostrou bastante evasivo nas respostas.

A última pergunta do questionário investiga se o ensino de gramática colabora para que haja uma melhor comunicação, tanto na fala quanto na escrita. Nessa questão, encontramos três grupos de respostas com visões diferentes: o 1º grupo mostra que não sabe diferenciar o ensino de língua do ensino de gramática; o 2º grupo mostrou-se muito evasivo em suas colocações, o que pode ser um indício de desconhecimento do assunto; o 3º grupo demonstra perceber a importância da gramática e a valoriza; o 4º grupo, o que mais se aproxima das teorias propostas nesse trabalho, apresenta uma noção de flexibilidade de regras gramaticais, oralidade e escrita, pois conforme Mariz (2009, p. 45-46, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 57) “[...] a gramática tem uma função sociocognitiva relevante, desde que entendida como uma ferramenta que permite uma melhor atuação comunicativa”, tanto na escrita como na oralidade.

### **3.2 QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES**

Em relação aos questionários dos professores, também agrupamos as respostas que, em seu contexto, se assemelham mais na exposição das ideias. Na pesquisa, os professores serão chamados de Professor 1 (P.1), Professor 2 (P.2) e Professor 3 (P.3), preservando, assim, a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

Na primeira pergunta do questionário dos professores, indagamos a respeito do trabalho com a oralidade feito pelos professores e do desenvolvimento dos alunos no campo da oralidade. Nessa pergunta, os três sujeitos participantes da

pesquisa disseram que trabalham o ensino de oralidade por meio de seminários, debates, peça teatrais entre outras atividades. Com isso mostraram que confundem oralidade com oralização e com variação linguística. Quanto aos alunos, eles destacaram que o avanço nesta competência é muito lento, mas que pequenas mudanças são percebidas.

No ensino de língua portuguesa, uma das competências mais importantes é o ensino de leitura. Na segunda pergunta, os professores foram questionados a respeito de quais são as atividades mais frequentes em seus métodos de ensino e também das suas principais dificuldades. O P.1 frisou que há muitas dificuldades apenas em virtude da resistência por parte dos alunos em fazerem leituras, sejam elas literárias ou não. Por fim, o P.1 propõe que precisa haver rodas de leituras, discussões, entre outras atividades de incentivo à leitura. Já as respostas de P.2 e P.3 se assemelham, pois evidenciam que as atividades de leitura têm sido a de leitura de textos, como contos, crônicas, poesias, charges, entre outros gêneros. Eles também destacaram que a maior dificuldade é a falta de incentivo aliada ao desinteresse dos alunos.

Souza (2014) salienta que para aprimorar o conhecimento dos nossos alunos no campo da leitura, é preciso proporcionar aos estudantes o maior contato possível com textos em suas diversas formas e usos. O trabalho do professor é fundamental, nesse sentido, para viabilizar o desenvolvimento de capacidades de leitura e escrita que habilitam o sujeito como cidadão aluno. Considerando isso, o foco deste trabalho é o processo de ensino-aprendizagem de leitura, pois comumente observa-se a dificuldade dos estudantes em ler e compreender. Como a leitura é fundamental ao desenvolvimento dos sujeitos, quando pouco proficientes, eles terão dificuldade ao amplo acesso ao conhecimento, às informações e à aprendizagem.

Dessa a forma, as respostas do P.1 e P.2 se aproximam mais daquilo que é esperado para o ensino de leitura, pois é preciso intervir nesse processo buscando-se levar os alunos a aprimorarem o conhecimento nessa competência. A terceira pergunta, que trata sobre a reação dos alunos em relação ao ensino de leitura e de gramática, revela que os três professores apresentaram respostas muito semelhantes, enfatizando que os alunos estão muito resistentes em relação à leitura e preferem o ensino de gramática, mesmo estando envolvidos em regras que são impostas pelo seu ensino.

Na quarta pergunta, questionamos os professores sobre suas prioridades no ensino de escrita. O P.1 mostra que sua prioridade no ensino de escrita é fazer com que o aluno aprenda a se comunicar de maneira clara e objetiva; o P.2 destaca que prioriza a produção de textos escritos; o P.3, volta-se, também, para a produção de textos, como redações, contos e textos de opiniões. Entre as três respostas, a que mais se aproxima do objetivo do ensino de escrita é a de P.1, pois, para ele, o ensino da escrita surge pautado na necessidade de comunicação do ser humano, tendo como objetivo a comunicação entre os falantes.

A última pergunta, que buscou instigar os professores sobre o seu principal objetivo no ensino de língua portuguesa, mostrou através das respostas que a prática de ensino ainda está muito voltada para o ensino de gramática, esquecendo-se de que o objetivo central do ensino de língua portuguesa é melhorar a competência comunicativa dos seus usuários.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao fim deste trabalho, é preciso salientar que o ensino de língua portuguesa em nossas escolas tem uma função muito importante na formação dos sujeitos pensantes, vindo a colaborar efetivamente na formação crítica dos nossos alunos. Além disso, faz-se necessário que os professores revejam suas propostas de ensino visando ao fortalecimento das competências relacionadas ao ensino de leitura, escrita, oralidade e gramática que fazem o ensino de língua portuguesa.

Diante das respostas dos questionários dos alunos, é possível constatar as inúmeras barreiras que eles enfrentam em relação ao ensino de língua portuguesa, visto que uma maioria dos alunos desconhecem a oralidade como uma prática de comunicação interacional. Já em relação aos professores, eles, assim como os alunos, desconhecem o verdadeiro objetivo do ensino de oralidade, mostrando que é preciso reavaliar as atividades que contemplam essa competência.

No que diz respeito ao ensino de leitura, percebemos que os alunos, mesmo sabendo que o objetivo de uma leitura é a compreensão e construção de sentidos no texto, resistem a essa prática e não se sentem motivados, o que os leva ao fracasso escolar. Em se tratando ainda do ensino de leitura, verificamos que as atividades de incentivo e estímulo à leitura ainda são muito limitadas.

A competência escrita na escola é vista apenas do ponto de vista da produção de redações e resumos, ignorando o real objetivo da competência escrita que é a comunicação. Quanto ao ensino de gramática, foi visto que é preciso entender a flexibilidade das regras gramaticais e também valorizar o seu ensino.

Dessa forma, constatamos que a prioridade do ensino de português por parte dos professores ainda é exclusivamente o ensino de gramática, afastando-se do que se objetiva em seu ensino, que é melhorar a competência comunicativa dos falantes. Por fim, propõe-se, na Unidade Escolar Miguel Lidiano, uma intervenção que possa, gradualmente, e com o auxílio dos professores, desenvolver atividades que estimulem a oralidade, escrita e leitura, envolvendo também o ensino de gramática.

## 5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé, 1937. **Aula de português - encontro & interação** | Maria Irandé Antunes, - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A linguística e o ensino de português. *In*:\_\_\_\_\_. **Alfabetização e linguística**. 10ª edição. São Paulo: Scipione, 2003.

CARVALHO, Daniel; *et. al.* **Pesquisa bibliográfica**. Goiânia, 16 Jun. 2004.

CASTELUBER, Deuzina Elaine Melo. **Leitura de textos argumentativos opinativos: A contribuição de uma coleção didática para a formação de um leitor crítico**. Dissertação (Mestrado em Linguística do Texto e do Discurso) – Faculdade de Letras, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CRUZ, Ana Flávia Torquetti Domingues. **Léxico e livro didático: Estratégias para o desenvolvimento da leitura**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARIZ, Luciana. **A aula de português e as possibilidades ensino-aprendizagem: Um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MARTINS, Tainá N. S. G. De O. **Oralidade como objeto de ensino: Um estudo sobre o uso público do oral em contextos escolar e extraescolar**. Dissertação (Mestrado em Linguística do Texto e do Discurso) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PRADO, A. A. de O. **Concepções de língua(gem) e de ensino de língua portuguesa na perspectiva do aluno**. Dissertação (Mestrado em linguística

aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. São Paulo: Loyola. 2012.

SCHNEWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

SOUZA. Cláudia Mara. **A recepção do livro didático de português e o processo de construção da competência leitora por alunos do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SOUZA. Claudia Mara. **O que provam as provas: Habilidades de leituras em avaliações sistemáticas x Habilidades de leitura em livro didático**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: Uma proposta para o ensino de gramática**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática ensino plural**. 4ª. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

## 6 ANEXOS

### 6.1 QUESTIONARIOS DOS PROFESSORES

#### QUESTIONARIO DO PROFESSOR(A)

1. Como tem sido o seu trabalho com o ensino de oralidade? É perceptível o desenvolvimento do alunado nesta competência? *Essa é uma modalidade que está em constante mudança, por isso trabalhamos diariamente de maneira formal e informal. O aprendizado não é uniforme, mas percebemos pequenas mudanças.*
2. Quais são as atividades mais frequentes usadas no ensino de leitura? Há alguma dificuldade a ser superada? *As mais frequentes são leitura e interpretação discursiva e produção de textos como a charge, músicas, paródias e pequenos contos. Sim, muitas, como falta de recursos.*
3. Qual a reação dos alunos em relação ao ensino de leitura? E em relação ao ensino de gramática? *Ha mais aceitação da gramática do que da leitura.*
4. Na sua prática docente, qual a prioridade no ensino de ensino de escrita? *Não sei se entendi a pergunta, mas priorizamos a produção de textos dissertativos-argumentativos.*
5. Na sua prática docente, qual tem sido o principal objetivo do ensino de língua portuguesa? *A leitura, a interpretação, a discussão e produção de texto e gramática contextualizada.*

## QUESTIONARIO DO PROFESSOR(A)

1. Como tem sido o seu trabalho com o ensino de oralidade? É perceptível o desenvolvimento do alunado nesta competência? *Nota é errado que seus traços de oralidade, adquiridos no decorrer de sua vida, são errados e por isso devem ser esquecidos. É repensado que o aluno deve adquirir o conhecimento da norma padrão e assim usar a*
2. Quais são as atividades mais frequentes usadas no ensino de leitura? Há alguma dificuldade a ser superada? *Há muitas dificuldades pois os alunos têm grande resistência a fazer leituras, mesmo as não literárias. Precisa haver um incentivo para que leiam com gosto de leitura, fichamentos, discussões, ...*
3. Qual a reação dos alunos em relação ao ensino de leitura? E em relação ao o ensino de gramática? *Leitura há um pouco de resistência. Quanto à gramática, do uso, gera uma certa confusão por não sabermos usá-la na vida prática. Não querem abandonar velhos hábitos.*
4. Na sua prática docente, qual a prioridade no ensino de ensino de escrita? *Aprender a se comunicar de maneira clara e objetiva.*
5. Na sua prática docente, qual tem sido o principal objetivo do ensino de língua portuguesa? *Apresentar a importância do ensino da norma padrão como meio de manter a unidade linguística sem abandonar da língua coloquial, já que esta facilita e torna até mais cômoda a comunicação.*

## **QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR (A)**

### **1. COMO TEM SIDO O SEU TRABALHO COM O ENSINO DE ORALIDADE? É PERCEPTIVEL O DESENVOLVIMENTO DO ALUNADO NESTA COMPETENCIA?**

Tem sido trabalhado bastante através de seminários, peças teatrais, debates etc. quanto a percepção dos alunos para com a oralidade, os resultados tem sido bons, por vezes, o desempenho tem sido melhor que na própria escrita. Como professora de língua portuguesa tenho consciência de que a oralidade é algo dentro do ensino e que ao longo dos tempos vem sendo questionado, justamente por conta da importância do seu ensino em sala de aula, e que infelizmente muitos professores tem deixado de lado, priorizando apenas a escrita.

A bem dizer, tratar do ensino de Língua Portuguesa é perceber que é uma disciplina que muito traumatiza seus alunos e impõe obstáculos a seus ministrantes devido ao fato de ser uma língua cheia de regras arbitrárias e, porém muito cobradas, de modo que muitos aspectos do ensino de língua materna são pomenorizados em detrimento ao ensino de normas gramaticais.

No entanto, trabalhar consistentemente com a oralidade em sala de aula não requer ensinar o aluno a falar isso, ele já sabe quando entra na escola, nem simplesmente propor que um aluno “conversa com o colega” a respeito de um determinado assunto. O que é proposto é que o professor faça uma identificação, uma reflexão, e utilização da imensa riqueza e variedade do uso da língua na modalidade oral.

### **2. QUAIS SÃO AS ATIVIDADES MAIS FREQUENTES USADAS NO ENSINO DE LEITURA? HÁ ALGUMA DIFICULDADE A SER SUPERADA?**

Textos literários tais como conto, crônica, poesias e os livros de romance literário, na grande maioria livro nacionais. Quanto às dificuldades a serem superadas, pode-se dizer que existem algumas, primeiro o desinteresse pela leitura, segundo, alguns não são fluentes na leitura e acaba usando isso para ler, o que é um fator errôneo. Em suma, precisa-se que haja maior interesse por parte dos alunos, mas que o professor também tem seu papel fundamental nesse superação, precisa ser ele o grande incentivador da leitura, e não apenas incentivador precisa ser exemplo.

### **3. QUAL A REAÇÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO ENSINO DE ORALIDADE? E EM RELAÇÃO AO O ENSINO DE GRAMÁTICA?**

No que diz respeito a leitura, há sempre uma resistência maior, justamente pela ausência de leitura por parte dos mesmos. Quanto a gramática, eles acabam recebendo ela de forma mais aceitável, posto que já vem de um sistema onde a há a prevalência desse ensino, embora costumam dizer que estudar português é ruim, é difícil cheio de regras absurdas.

### **4. NA SUA PRATICA DOCENTE, QUAL A PRIORIDADE NO ENSINO DE ESCRITA?**

A escrita, assim como a leitura, é indispensável para que a pessoa exerça sua cidadania, por isso, ambas são práticas estimuladas desde a primeira fase da vida escolar do aluno, destacamos que a escrita colabora para que se viva ativamente na sociedade, daí sua importância e a ênfase para que os professores trabalhem cada vez mais com seus alunos atividades que envolvam a escrita, possibilitando cada vez mais a melhor prática da mesma.

Com relação a prioridade no ensino de escrita, tem-se dando relevância abrangente a produção de textos tais, como as redações, contos e textos de opiniões.

### **5. NA SUA PRATICA DOCENTE, QUAL TEM SIDO O RPRINCIPAL OBJETIVO DO ENSINO DE LINUA PORTUGUESA?**

Não necessariamente o objetivo, mas procuro sempre fazer com que o aluno perceba a diferença entre oralidade e escrita, e que ambas são necessárias para a construção dos mesmos.

## 6.2 QUESTIONARIOS DOS ALUNOS

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1º A

1. Para você, o que é oralidade?

O jeito que nós falamos, trabalhando a leitura lendo textos etc.

2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?

3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:

a) na escola Na escola tem ~~muito~~ leitura e eu costumo ler pouco

b) em casa Eu costumo ler muito pouco

4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?

Não. às vezes eu falo coisas palavras ~~variadas~~ <sup>entre outras</sup>

5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?

Sim pois ensina verbos onde há pontuação fundamental para a escrita, e trabalha a aula oral que incentiva um aluno a ler e escrever fazemos leitura nas aulas

1º Ano "A"

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade?
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola
  - b) em casa
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?

1. É quando tem algum tipo de comunicação oralmente que, por isso, compreendes.
2. É tentar entender o que o texto está repassando para entender.
3. a) na escola tenho só um pouco de leitura mais leio.  
b) em casa eu leio mais...
4. Não, pois falo de uma forma e escrevo de outra, pois da forma que eu falo há algumas coisas na qual não pode ser expressada da mesma forma na escrita.
5. Sim, apesar de alguns textos tenha algumas representações de coisas há sim um modo que posso saber se comunicar de forma correta.

1<sup>o</sup> B

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade?  
É o feito de falar e também de se comunicar.
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?  
Para cada dia mais aprender e ensinar.
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola não pois não me sinto vontade
  - b) em casa sim pois onde tenho mais concentração para estudar.
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?  
Sim, porque primeiro eu penso depois eu escrevo e que falo na minha mente.
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?  
Sim, pois o falar é importante por exemplo você pode ir pro lugar onde pensar sem muito então você sabe também. E escrever também é muito importante tem várias maneiras espaciais que você é chamado para ensinar.

1º B

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade?  
É a gesticulação da boca.
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?  
É aprender. Não ler apenas um "texto".
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola: É bom. Mas prefiro dormir.
  - b) em casa: É boa, graças a Deus
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?  
Não. Escrever como a ortografia pede. (mas como a linguagem n
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?  
acho que é por causa do setor

Sim.

2ª

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade?  
É a forma de se expressar em palavras
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?  
ler e interpretar aquilo que está escrito
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola *levo livros*
  - b) em casa *não levo*
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?  
*não*
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?  
*às vezes sim*

2ª

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade?  
A ARTE DE FALAR
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?  
APRENDER DETERMINADOS ASSUNTOS
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola: LIVROS
  - b) em casa: NÃO LEO EM CASA
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?  
NÃO
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?  
SIM. PORIS NOS AJUDA EM MUITAS ARTIAS DA NOSSA VIDA

2º Ano "3"

### QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade?
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola
  - b) em casa
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?

1 - É falar, quando falamos com alguém isso é a oralidade, é importante para nós perceber que estamos falando do jeito certo.

2 - É ler ele, tentar entender entende.

3 - Na escola eu liio com mais frequência que quando em casa.

Em casa não liio muito, só quando vou fazer alguma coisa relacionado a escola.

4 - Não, nem sempre, as vezes falo palavra que está errada, só eu fui escrevo a mesma.

5 - Nem tanto, acho que deveria focar um pouco mais nessa matéria.

2º ano B

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade? *A oralidade é quando alguém está frente a frente com o interlocutor, para que possam falar com ele.*
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto? *Interpretar o texto.*
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola
  - b) em casa*Minhas experiências em leitura são poucas, não tenho muito o hábito de ler.*
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo? *Sim, nos ajuda bastante.*

*- Não. muitas vezes deixo levar o modo de escrever pelas redes sociais, usando muito o "vc" ou o "obg", que está sendo comum nos jovens de hoje.*

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade?
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola
  - b) em casa
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?

- 1ª) A capacidade/talento em fazer bom uso da gramática normativa na linguagem oral. Esse fator é necessário em diversas situações, inclusive, em entrevistas de emprego pois possibilita ao indivíduo o dom de convencer e manipular. Salvo que essa linguagem não precisa ser extremamente formal, mas também não deve ser muito coloquial.
- 2ª) Ler o texto e compreender toda (ênfase no "toda") a mensagem. O que está explícito, implícito, subentendido, etc. Ter uma compreensão e entendimento sobre o texto que viabilize a capacidade crítica e ~~melhor~~ a aumente seu ângulo de "visão de mundo".
- 3ª) a) Tenho uma certa resistência em ler os livros indicados pela escola por achar os títulos pouco atrativos, um belo caso de "julgar o livro pela capa". Mas todos os que já li gostei bastante.
- b) Já em casa eu lizo bastante. Literatura brasileira e estrangeira, ~~prosa~~ prosa poesia contos, romances, crônicas, até quadrinhos. É uma leitura que me atrai, então fica fácil ler.
- 4ª) Não! Porque é muito chato e irritante falar de forma correta o tempo todo. E não faz parte da minha personalidade, eu gosto de gírias e linguagem coloquial.
- 5ª) Sim! Escrevendo principalmente, mas falando também. Na hora de apresentar um seminário, júri-simulado ou até mesmo numa discussão (e discutir com palavras bonitas faz parecer que você tem razão).

(3º ano)

3º A

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Para você, o que é oralidade?
2. Para você, o que é fazer a leitura de um texto?
3. Fale um pouco de suas experiências em leitura:
  - a) na escola
  - b) em casa
4. Você fala do mesmo modo que escreve? Poderia comentar dizendo por que?
5. O ensino de gramática praticado em sala de aula contribui para que você saiba se comunicar bem, tanto falando como escrevendo?

1º É a capacidade que você tem de debater sobre um determinado assunto.

2º É você entrar dentro da própria história e estar por dentro daquilo que você realmente está lendo.

3º  
a- bom, para ser sincera, eu pego alguns livros na biblioteca quando se tem algum trabalho.  
b- Em casa eu gosto de ler meus livros de Inglês, pois me sinto bastante forçada.

4º Sim, pois a cada dia procuro ir em busca de aperfeiçoar meus conhecimentos em relação a língua portuguesa.

5º Sim, Sempre procuro manter a gente informada das regras ortográficas. E sempre procuro manter tal ordem



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 ( ) Monografia  
 Artigo

Eu, Felipe Alves dos Reis,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Língua portuguesa na Unidade Escolar Miguel  
Lidiano: O que e como é ensinada?  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de abril de 2021.

Felipe Alves dos Reis  
Assinatura